

Estratégias de engajamento e ativismo político-religioso na Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM-Rio)

Strategies for political religious engagement and activism in the Church of the Metropolitan Community of Rio de Janeiro (MCC-Rio)

PEDRO COSTA AZEVEDO

RESUMO

Este artigo pretende compreender os nexos entre religião e ativismo político religioso a partir de processos de mobilização e engajamento de sujeitos inseridos na Igreja da Comunidade Metropolitana no Rio de Janeiro (ICM-Rio). Procuramos entender as formas de atuação da ICM-Rio tendo como recorte temporal os anos de 2018 e 2019. Contextualizamos o campo de pesquisa a partir da trajetória da instituição religiosa pela cidade do Rio de Janeiro, destacando como as experiências nesse percurso mobilizam suas estratégias de atuação a partir das atividades *Chá das Drags* e seminários teológicos e acadêmicos tendo em vista o engajamento dos sujeitos inseridos na ICM-Rio. Tais elaborações têm relação com as dinâmicas históricas atuais, permeadas por pautas morais consideradas neoconservadoras que vêm ganhando destaque na conjuntura política e social. O pano de fundo que transpassa o recorte temporal da pesquisa se dava pela ascensão nacional do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL-RJ), no pleito eleitoral da Presidência da República, em 2018. Esse contexto, permeado pelo receio do retrocesso no campo dos direitos humanos, é apresentado através dos cultos que versavam sobre a conjuntura política e social e sobre as pautas coletivas de atores evangélicos no espaço público. A prática de atuação engajada da ICM-Rio assume seu ativismo político-religioso por meio da gramática universalista dos direitos humanos ao enfatizar a linguagem dos direitos sexuais e reprodutivos, em prol da diversidade sexual.

Palavras-chave: religião; ativismo político-religioso; diversidade sexual.

ABSTRACT

This article aims to understand the links between religion and religious political activism based on processes of mobilization and engagement of subjects inserted in the Metropolitan Community Church in Rio de Janeiro (MCC-Rio). We sought to understand the ways in which ICM-Rio operates, taking the years 2018 and 2019 as a time frame, highlighting how the experiences along this path mobilize their action strategies based on activities such as *Chá das Drags* and theological and academic seminars with a view to engaging the subjects included in ICM-Rio. Such elaborations are related to current historical dynamics, permeated by moral guidelines considered neoconservative that have been gaining prominence in the political and social conjuncture. The background that runs through the time frame of the research was the national rise of the then federal deputy Jair Messias Bolsonaro, of Social Liberal Party of Rio de Janeiro state, in the presidential election, in 2018. This context, permeated by the fear of a setback in the field of human rights, it is presented through cults that dealt with the political and social situation and the collective guidelines of evangelical actors in the public space. MCC-Rio engaged practice assumes its political-religious activism through the universalist grammar of human rights, by emphasizing the language of sexual and reproductive rights, in favor of sexual diversity.

Key words: religion; religious political activism; sexual diversity.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca compreender os nexos entre religião e ativismo político religioso em processos de mobilização e engajamento de sujeitos da Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM-Rio). Em pesquisa empírica de doutorado, durante os anos de 2018 e 2019, realizaram-se observações sobre as formas de atuação da referida igreja em favor da garantia e da ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos, reivindicados por movimentos sociais e expressos pelo Estado brasileiro a partir da Constituição Cidadã de 1988.

As informações aqui analisadas são oriundas de notas registradas nos cultos e eventos da igreja em 2018 e 2019, além da entrevista semiestruturada com o então pastor Luiz Gustavo, tendo em vista os processos institucionais da ICM-Rio. Destacamos o *Chá das Drags* e os seminários teológicos e acadêmicos enquanto estratégias mobilizadas no engajamento dos sujeitos inseridos na instituição religiosa. Cabe também ressaltar que, durante esse intervalo de tempo, a ICM-Rio era composta majoritariamente por *homens cisgêneros gays* em suas lideranças. A igreja não contava com um número expressivo entre a membresia e os frequentadores, ainda que a instituição religiosa procurasse diferentes

formas de mobilização e estratégias na promoção da diversidade sexual nesse espaço religioso.

Criada em 2004, a ICM-Rio se autodeclara “vibrante, inclusiva e progressista”. Tais elementos, expressos pela instituição e sua membresia, compõem um conjunto de princípios e valores que procuram “afirmar a diversidade sexual” em seus discursos e práticas religiosas (informação verbal)¹.

O discurso religioso na ICM-Rio aproxima-se da agenda dos direitos humanos (MARANHÃO FILHO, 2015) como uma missão individual na agência sobre as injustiças sociais. Os valores que engajam os sujeitos nesse segmento religioso pautam-se em novas “concepções de pecado”, como “a homofobia, a discriminação, as desigualdades sociais de modo geral, assim como toda forma de opressão que os seres humanos reproduzem, distanciando do projeto de Deus” (NATIVIDADE e OLIVEIRA 2013, p. 132).

Os cultos e os eventos religiosos são aqui entendidos como *acontecimentos-chave*, termo inspirado no trabalho de Isadora Lins França (2012), que considerou os espaços de sociabilidade e consumo voltados para o público homossexual em São Paulo. Assim, mobilizamos essa noção para compreender como os sujeitos inseridos na ICM-Rio constituem (e são constituídos pela) “vida real” emaranhada de “sentido”, “identidade”, “poder” e “experiência” (GEERTZ, 2001, p.164). As ações e discursos desses *acontecimentos-chave* auxiliam a compreensão dos significados a respeito da autonomia das subjetividades que provocam fissuras no segmento evangélico, uma vez que se mostram “heterogêneas na interpretação do direito e da cidadania”, além de “iniciativas inovadoras” vistas, no caso da ICM-Rio, através do *Chás das Drags* e dos seminários (MACHADO, 2017, p. 374). Nesse sentido, a instituição religiosa busca celebrar e legitimar o exercício de sexualidades LGBTQIA+² como mecanismo de reconhecimento e visibilidade ao construir uma autoimagem positiva da diversidade sexual sem abrir mão da vida religiosa, como definido por Marcelo Natividade (2008; 2010).

O corrente texto é dividido em três partes que abordam os deslocamentos da denominação pela cidade, o seu processo de filiação à denominação norte-americana

¹ Informação obtida durante o trabalho de campo com recorte temporal que compreende os anos de 2018 e 2019.

² A sigla LGBTQIA+ faz referência a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais e + para outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. A utilização dessa sigla identitária tem relação com o contexto da pesquisa e também com o termo “êmico” por meus interlocutores.

Metropolitan Community Church (MCC)³, fundada pelo reverendo Troy Perry em 1968 (NATIVIDADE, 2008); os seminários e o *Chá das Drags* como estratégia de mobilização engajada que relaciona temas que perpassam a diversidade sexual e a vida religiosa; e o ativismo político religioso que a igreja assumiu frente à gramática dos direitos humanos durante o contexto das eleições nacionais de 2018, marcadas por uma “agenda moral” cujo “tema da ameaça marxista” e a “participação de evangélicos na coalizão neoconservadora” fizeram parte desse contexto social e político (MACHADO, 2020, p. 93).

1 - ENTRE PERCURSOS E FLUXOS RELIGIOSOS

Antes de mencionar o objeto investigado, cabe salientar que o mesmo se articula à MCC, entidade religiosa que surgiu no ano de 1968 em Los Angeles sob a liderança do pastor pentecostal Troy Perry, “que havia sido expulso de sua denominação em razão de sua orientação sexual” (NATIVIDADE, 2008, p.138). Presente em diferentes países⁴, a MCC adapta a sua forma de atuação de acordo com o contexto social em que está inserida, principalmente no sentido de pautas ligadas aos sujeitos e movimentos LGBTQIA+, como o estigma da HIV-Aids, questões de pessoas transexuais e travestis, questões de raça e direitos matrimoniais (WILCOX, 2001). Em território brasileiro, as primeiras tentativas de trazer a MCC datam do ano 2000; no entanto, sua vinda somente foi concretizada em 2003 na cidade do Rio de Janeiro, onde o primeiro grupo viabilizou a filiação à igreja estadunidense (NATIVIDADE, 2008). Atualmente podemos observar a presença no Brasil da agora chamada ICM em cidades como Belo Horizonte, Salvador, Cabo Frio (RJ)⁵, Fortaleza, Teresina e São Paulo. Como se trata de uma denominação religiosa com pouco número de membros e frequentadores, a sua presença no espaço urbano está diretamente ligada a sua capacidade de custear a locação de imóveis e outros gastos relacionados a sua manutenção.

³ A sigla MCC, proveniente da língua inglesa, corresponde ao movimento global da denominação, em contraponto à sigla ICM, em sua tradução para língua portuguesa, para fazer referência a denominação brasileira.

⁴ As filiais da *Metropolitan Community Church* (MCC) estão localizadas em diferentes países e continentes: África do Sul (1) e Quênia (1) na África; Nova Zelândia (2) e Austrália (5) na Oceania; Filipinas (3) e Coreia do Sul (1) na Ásia; Estados Unidos (127), Canadá (2) e México (4) na América do Norte; Argentina (3), Chile (1), Colômbia (1), Brasil (14) e Uruguai (1) na América do Sul; República Dominicana (1); Cuba (1); El Salvador(1); Porto Rico(1) na América Central; Espanha (1); Finlândia; Alemanha (3); Itália (1); Reino Unido; Inglaterra (10) e Escócia (2) na Europa.

⁵ Grupo de implantação da ICM na Região dos Lagos, interior do Estado do Rio de Janeiro.

A filial do Rio de Janeiro, conhecida como ICM-Rio, perpassou por essas adversidades, como conta em entrevista o pastor da igreja, Luiz Gustavo Silva⁶, responsável pela direção da instituição desde o ano de 2017. A constante mudança de espaço físico ao longo da cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, segundo o pastor, esteve atrelado ao valor elevado para manter os aluguéis. No ano de 2018, a instituição religiosa locava um espaço na Rua do Senado, nº 222, no Centro do Rio de Janeiro (RJ). Naquele ano, a igreja passava por dificuldades financeiras e recebia ajuda da rede estadunidense *MCC Valley*⁷ para quitar o aluguel. Essas redes institucionais nacionais e internacionais demonstram o fluxo religioso nas circulações materiais e simbólicas em uma dinâmica transnacional (ORO e STEIL, 2012). Esses percursos e fluxos estão carregados de significados presentes dentro de um sistema simbólico permeado pela visão de mundo e por disposições e motivações gerais das lideranças religiosas em “executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimentos em determinadas situações” (GEERTZ, 2008, p. 71).

Em vídeo publicado na página do *Facebook*, em comemoração ao aniversário da ICM-Rio, o pastor relatou a construção de uma “identidade inquietante” presente na formação da comunidade religiosa sob sua direção⁸. Para ele, a capacidade de modificar práticas e valores religiosos indicaria uma identidade nômade e andarilha tal como o cristianismo⁹. O líder religioso assume a tendência institucional de suscitar o pensamento crítico das pessoas que estão na ICM-Rio ou passaram por ela, com a intenção de promover discernimento e autonomia, para contestar as estruturas sociais, econômicas e religiosas desiguais do mundo. Em sua fala na publicação, é afirmada não somente a questão espacial da igreja, mas também uma identidade em constante transformação em termos de suas práticas religiosas ao longo dos anos. Recordando o momento em que

⁶ No ano de 2021 ocorreu a ordenação de Luiz Gustavo como clérigo da denominação, alterando-se seu título religioso para reverendo. Até o referido ano, o pastor passou pela formação e desenvolvimento de lideranças, promovido pelo Instituto *Darlene Garner*, que é dirigido por clérigos da MCC, e ficou exercendo as atividades do cargo como aspirante à posição de reverendo.

⁷ A *Lehigh Valley* encontra-se localizada no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América (EUA).

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/icmrio/videos/894870680701894>>. Acesso em: 22/09/2018.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/icmrio/videos/894870680701894>>. Acesso em: 22/09/2018.

ocupou a posição eclesiástica de diácono¹⁰, rememorou o grupo que viabilizou a primeira tentativa de implementação e de filiação à MCC na cidade do Rio de Janeiro:

Em 2003 houve uma conferência no Hotel Copacabana Palace. Em maio de 2004 a igreja foi oficialmente inaugurada na Avenida Mem de Sá, 186. Hoje em dia é a Igreja Contemporânea. A igreja durou dois anos, de 2004 até 2006, e eu era membro dessa igreja. Entrei lá em 2004. Membros dessa igreja saíram por não concordarem com a visão do pastor, que é o pastor Marcos Gladstone, também fundador da Igreja Cristã Contemporânea (informação verbal)¹¹.

O processo de cisão também foi relatado na pesquisa do antropólogo Marcelo Natividade (NATIVIDADE, 2008). Na ocasião, o trabalho de campo do pesquisador indicou as narrativas dos primeiros anos da ICM no Rio de Janeiro, explorando um extenso trabalho etnográfico a respeito de outra instituição também inclusiva: a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), que, naquele período, havia-se desligado de um grupo de adeptos da sua matriz estadunidense, a MCC. Essa ruptura, segundo o autor, justificou-se pela estratégia dos líderes da ICC de criar espaços que não fossem “exclusivamente gays” e constituir uma igreja comum e a fim de evitar o estigma de uma igreja homossexual (NATIVIDADE, 2008, p. 146). Além disso, a liderança da ICC considerou que comportamentos como a permissividade de relacionamentos abertos, o sexo sem compromisso e outras formas de relações homoafetivas não condiziam com uma vida religiosa, sendo caracterizadas como comportamento não-cristão e presente nos valores propalados pela ICM (NATIVIDADE, 2008).

Essa cisão originada na primeira formação da ICM-Rio, segundo o pastor, teria levado à reunião de um grupo de pessoas na casa de um dos membros, no bairro da Ilha do Governador. O mesmo narra que, no final do ano de 2006, “havia duas ICM, mas que não dialogavam” (informação verbal)¹². Essa ausência de diálogo é apresentada como o motivo do desligamento do primeiro grupo. No mesmo ano, esse segundo grupo, com identidade institucional ICM-Rio, abriu suas portas em um salão de convenções de um hotel na região central cujo nome o pastor não conseguiu recordar. No período de apenas um ano,

¹⁰ Posição eclesiástica que desempenha a manutenção física do espaço religioso, a coleta de ofertas, a recepção das pessoas, a oração, a pregação nos cultos e as obras sociais da instituição religiosa.

¹¹ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

¹² Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

menciona terem estado em um estabelecimento comercial na região da Praça Tiradentes, próximo do endereço anterior, e terem se deslocado por hotéis na Avenida Mem de Sá e na Avenida Rio Branco, fixando-se, por fim, durante quatro anos, no Hotel Pouso Real, na Rua do Rezende, todos na região central do Rio de Janeiro. Neste intervalo de tempo, segundo o pastor Luiz Gustavo, o grupo chegou à decisão interna de se ausentar do processo de filiação à MCC iniciado em 2004.

Ao narrar sua trajetória na instituição durante o ano de 2007, afirmou que se retirou da posição de diácono, frequentando somente os cultos e atividades, devido a uma “briga” com o então pastor, por não concordar com a “posição liberal” da denominação norte-americana sobre relacionamentos afetivos, pois, naquele contexto, “estava discutindo abençoar trisal”¹³ (informação verbal)¹⁴. Em sua recordação desse momento, salienta que esse posicionamento seria o responsável pela desistência de filiação à MCC, assim tornando-se Comunidade Betel¹⁵:

Por isso que virou comunidade Betel. A igreja, quando foi registrada em 2008, foi registrada como Comunidade Betel. Não tinha nenhuma referência à ICM. Porque, entre 2007 e 2010, a igreja não era mais ICM. Ela ficou independente, era comunidade Betel. Em 2010, por muita influência política minha, eu tinha que fazer lobby. Eu ia para os cultos com o logo da ICM no peito. Eu comecei a fazer esse lobby. Convenci o pastor [na época] que era necessário, porque a gente era uma igreja isolada. Não tínhamos ninguém, e tinha (sic) outras ICM no Brasil. Eu falei: Não tem por que ficar sozinho. A gente fez contato com o Bispo Héctor, que era o bispo da região, e a gente retornou à denominação. A filiação da ICM ocorreu em 2010 (informação verbal)¹⁶.

Até o ano de 2009 a igreja permaneceu no Hotel Pouso Real. Dali se mudou para um espaço sublocado pela Igreja Presbiteriana de Botafogo, onde funcionou até 2013¹⁷. A

¹³ A união afetiva entre três pessoas.

¹⁴ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

¹⁵ Nome atribuído à igreja desde o seu primeiro surgimento em 2004. O termo Betel é compreendido pelas lideranças da instituição a partir do versículo utilizado como “chave todos os domingos: Betel casa de Deus, porta do céu”.

¹⁶ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

¹⁷ Cabe sinalizar que o entendimento da instituição religiosa ao longo de sua trajetória, mesmo quando não adotava a identidade institucional ICM, esteve atrelada ao acolhimento da diversidade sexual. Como as lideranças religiosas reafirmam nos cultos e atividades, o corpo é templo do Espírito e requer cuidado individual e não cabe à instituição religiosa legislar sobre as práticas sexuais e afetivas, salvaguardando as relações sexuais sem consentimento, abuso e outras formas de violência de gênero. Dessa forma, a igreja

experiência da instituição na região da Zona Sul da cidade teria possibilitado o maior número dos membros. Como observou o pastor, muitos desses eram oriundos dos bairros próximos a essa região (Zona Sul). Como ressaltou o pastor, no ano de 2013:

A gente decidiu que não era legal ficar mais em um lugar, segundo as falas naquele contexto, um lugar burguês, a gente tem que ir para a periferia, um espaço que não seja sublocado e que seja nosso que a gente possa cuidar (informação verbal)¹⁸.

Foi então que a igreja passou a locar um espaço em Irajá, que seria mais caro, mas acessível para as condições daquele momento. Na análise do pastor a decisão não foi positiva pelo deslocamento de uma região de classe média para uma área periférica da cidade:

Na verdade, era uma igreja de maioria de classe média, uma igreja com muito discurso burguês, muito reformada, calvinista. Um grupo que a gente foi. Uma igreja em Botafogo, com uma cara de classe média, meio que foi arrancada para a Zona Norte. Não foi uma boa experiência. Hoje eu não faria isso mais. De igreja do Centro para a Pavuna, por exemplo. Eu não faria isso. Eu sei que as pessoas não vão juntas. Porque na verdade é muita gente da redondeza, que mora próximo. (informação verbal)¹⁹.

Na entrevista, o pastor contou que na posição eclesiástica de diácono elaborou um projeto de criação de um grupo chamado ICM-Baixada, em São João de Meriti, região metropolitana do Rio de Janeiro, juntamente com alguns membros da ICM-Rio. As reuniões foram realizadas em uma quitinete próxima a sua casa, naquela cidade, e a iniciativa perdurou por dois anos.

No final de 2015, em função do pequeno quantitativo de membros verificado na experiência em Irajá, a ICM-Rio fechou as suas portas ao público para planejar a “reestrela” da instituição (informação verbal)²⁰. Em janeiro de 2016, retornou para a região central da cidade do Rio de Janeiro, novamente em um espaço sublocado de um hotel, na

se mostra aberta aos relacionamentos poliamorosos, ou seja, àqueles que mantêm um relacionamentos afetivo-sexuais com mais de um(a) parceiro(a) e que não implicam uma conjugalidade monogâmica.

¹⁸ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

¹⁹ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

²⁰ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

Rua do Alexandre, nº 201. Devido às dificuldades enfrentadas em relação às contas, naquele ano a ICM-Baixada começou a enviar os seus dízimos para a ICM-Rio. Como não pagavam pela locação da quitinete em São João de Meriti, foi possível que esta enviasse uma quantia monetária à ICM-Rio evitando que fechasse as portas. Nesse contexto, o grupo ICM-Baixada foi integrado à ICM-Rio mesmo não havendo uma migração total das filiações religiosas deste grupo da Baixada Fluminense²¹.

No ano de 2017, a instituição mudou seu endereço novamente, dirigindo-se, então, para a Rua do Senado. Aproveitando essa alteração, as lideranças decidiram retornar à identidade da denominação enquanto ICM-Rio, passando a usar a nomenclatura de ICM-Betel como um lema²². Essa modificação se deu a partir da ruptura com “a ideia reformada do pastor [anterior] como as roupas litúrgicas, com velas, com aquelas coisas todas e retornando a uma visão mais aberta da denominação” (informação verbal)²³. A igreja passou a considerar a sua identidade religiosa principal como ICM-Rio, mas também manteve a nomenclatura ICM-Betel que foi usada na criação do seu *website* e outras formas de divulgação como apresentações da instituição em rádios.

Diante dessas circunstâncias, podemos fazer uma leitura de que não somente se vivenciou a mudança do espaço físico na trajetória da ICM-Rio, como também de sua identidade religiosa ao longo desses anos, o que a caracteriza como uma igreja peregrina. A autonomização comunitária e a individualização na modernidade, segundo Hervieu-Léger (2008), acabaram enfraquecendo o sentido unificado da crença e pertencimento que impõe suas normas na formatação de uma pretensa religiosidade universal. O peregrino, nesse sentido, deixa de ser guiado pelas regularidades religiosas ao extrapolar os vínculos das crenças e pertencimentos, ao passo que responde aos estímulos da modernidade na constituição de sua identidade religiosa (HERVIEU-LÉGER, 2008). Assim, a ICM-Rio constitui sua diferenciação institucional a partir da fundação da sua história na contramão de uma crença tradicional, uma vez que está pautada na autonomia individual de compor seu sistema de crenças e pertencimentos religiosos e de buscar novos significados para o sujeito. Nesse sentido, a trajetória da ICM-Rio, narrada anteriormente, demonstra uma religião em

²¹ Mesmo que essa parte dos membros não tenha aderido à ICM-Rio, continuam frequentando e contribuindo nos cultos e atividades da ICM-Rio sem filiação a esta. Como relatou o pastor, até hoje fazem reuniões em sua casa para tomarem café, orarem e cantarem em caráter informal.

²² Oriunda da sua primeira formação em 2004.

²³ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

movimento que busca reinventar-se para atender a necessidades individuais e dar conta da complexa tarefa de adequar-se às transformações da sociedade moderna.

A visão, os valores e a missão religiosa da ICM-Rio sofreram alterações ao longo de sua trajetória institucional, de acordo com o pastorado à frente da denominação. Entre os anos de 2006 e 2013, o entendimento guiava-se pelo caráter protestante, inclusivo e reformado. Como, na visão do clérigo, o termo *reformado* estaria associado à doutrina da predestinação — que restringe o acesso à salvação a um número seletivo de pessoas predestinadas —, posteriormente a igreja o abandonou, mantendo os termos *inclusivo* e *protestante*. Na leitura de Luiz Gustavo, as multiplicidades doutrinárias e litúrgicas que fazem parte dos percursos religiosos dos membros e frequentadores são incorporadas nos cultos da ICM-Rio. Exemplos disso podem ser vistos em cultos mais avivados, remetendo às características sentimentais (“lamúrio, choro e gritaria”) de pentecostais como os da Assembleia de Deus, tendo, em contraponto, cultos com características mais contemplativas e silenciosas, como na vertente católica (informação verbal)²⁴.

2 - AS ESTRATÉGIAS DE ENGAJAMENTO NA ICM-RIO

Os cultos da ICM-Rio encontravam-se distribuídos anualmente em temáticas relacionadas às minorias sociais preconizadas pela instituição e suas lideranças religiosas. Dentre estes, podemos observar os cultos temáticos como *Orgulho LGBT*, *Vigília pelas vítimas da LGBTfobia*, *Culto em memória da vereadora Marielle Franco*, *Visibilidade Lésbica*, *Visibilidade Transexual*, *Culto da Consciência Negra* e *Dia Mundial da luta contra HIV-Aids*, enquanto exemplos de como a comunidade eclesial visibiliza sua agenda política em prol da justiça social no espaço do templo. Ademais, atividades em sua programação anual voltadas para a visibilidade de pessoas LGBTQI+ ocorrem duas vezes ao ano, no evento intitulado *Chá das Drags*. Além dele, há o seminário *Cristianismo e Diversidade Sexual*, que também ocorre em duas edições anuais. Apresentado pelas lideranças religiosas, o seminário *Gênero, Sexualidade e Fé* envolve pesquisas acadêmicas voltadas para as temáticas religião, gênero e sexualidade. Ambos os eventos são relevantes para pensar as estratégias religiosas que geram em suas ações e discursos uma espiritualidade engajada (ALENCAR, 2019) com a diversidade sexual. Dada a importância e a particularidade desses dois eventos na esfera religiosa, aprofundaremos nossa abordagem a respeito deles, procurando demonstrar como

²⁴ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

se tornam veículos de engajamento da ICM-Rio. Esses eventos e cultos mobilizam disposições e motivações guiadas por uma visão de mundo, por um *ethos*, permeadas por “um único conjunto de símbolos, a representação faz do modelo *para* e do modelo *de* aspectos da crença religiosa meras transposições de um e de outro” (GEERTZ, 2008, p. 86).

Em 2004, na inauguração da ICM-Rio no Othon Palace Hotel, no Rio de Janeiro (RJ), conforme sinalizou Marcelo Natividade (2008, p. 142), houve apresentações em que “performances drag — em uma linguagem descontraída e cheia de humor — dublaram cantoras evangélicas” ao término desse evento. As ações de instituir esse local de “inclusão” pelas lideranças religiosas, como observado por Marcelo Natividade (2017, p. 16), estaria na “desconstrução de visões dicotômicas de gênero”, comumente vistas nas “interações e formas de sociabilidade que encenam o trânsito de gênero”. Em 2010, Fátima Weiss, em sua tese, refletiu sobre o Show de Talentos na ICM-São Paulo como um evento de valorização das performances drag²⁵. Segundo a pesquisadora, as drags têm “importante função na ICM-SP, através de seus ‘shows’ que acontecem em todas as festividades, após a celebração de cultos e casamentos, onde as drags não são apenas aceitas, mas incentivadas”²⁶ (WEISS, 2012, p. 190).

Essa posição de valorização das drags relatada pelos pesquisadores também pôde ser notada na fala pastoral como função importante nos eventos da instituição. De forma contrária à ICM-São Paulo, na ICM-Rio as montarias drags²⁷ eram feitas apenas em atividades destinadas a essas apresentações, como o *Chá das Drags*, sem que tivessem um espaço específico e regular nos cultos e em outras atividades da igreja. No ano de 2017, o *Chá das Drags* passou a constar na grade das atividades tendo como um dos idealizadores o pastor Luiz Gustavo. Em sua entrevista, o pastor relatou contribuir ao “ficar só na

²⁵ No decorrer do texto convencionaremos utilizar o termo drag queen ou drag(s) sem recorrer ao itálico ou as aspas. Tal posicionamento tem relação com o abasileiramento do termo que a antropóloga Anna Paula Vencato (2002) debate em sua dissertação de mestrado com as drag queens de Santa Catarina. Segundo a pesquisadora, mesmo que “existam semelhanças entre drags brasileiras e americanas, há traços que afastam os significados do como se montam (no camarim) e se apresentam (em público)” (2002, p. 4).

²⁶ De acordo com Fátima Weiss de Jesus (2012, p. 193), a “festa do Oscar” premiou “duas categorias para as Drags: revelação e melhor do ano”, sendo uma forma de incentivo da ICM-São Paulo.

²⁷ Conforme Borges (2020, p. 4), “montaria”, “montação” ou “transformation” são “termos nativos que designam o ato de montar-se Drag, como processo central para a constituição da persona Drag.” (BORGES, 2020, p. 4).

retaguarda, ajudando na divulgação, nas inscrições e o contato com as pessoas²⁸ e que as “personagens principais são as drags” (informação verbal)²⁹. Durante os eventos o clérigo não fez parte das apresentações como e enquanto *drag queen* ou qualquer outra performance artística. Em referência ao objetivo para a realização da atividade, enfatizou que o chá serviria para “falar de gênero, sexualidade, desconstrução de padrões, coisa de ativo e passivo³⁰, macho e fêmea, pintosa³¹”, acrescentando, ainda, que “você pode ser *drag* e pode ter gênero fluido” (informação verbal)³².

Em linhas gerais, a organização do *Chá das Drags* dividiu as atrações inscritas em blocos de apresentação. Dentre essas se destacaram as dublagens de músicas religiosas e seculares performadas pelas drags, declaração de poesias autorais, entrevistas com drags presentes no evento e outras performances. Algumas drags possuíam carreira artística profissional, e outras apenas se montavam para esses eventos específicos como o *Chá das Drags*. Os atos, gestos e atuações das performances drag nesse evento procuram criticar essa naturalização, assim buscando a desconstrução da ideia de um “corpo vazio profano, a condição decaída: engodo e pecado, metáfora predominantemente do inferno e do eterno feminino” (BUTLER, 2003, p.186). Nesse sentido, as performances no *Chá das Drags* são vistas como “recontextualização parodística” que “imita o mito da originalidade”, ou seja, as performances e montagens parodiam o mecanismo da construção de um “eu de gênero primário e interno”, subvertendo a “história pessoal/cultural de significados recebidos” (BUTLER, 2003, p. 197).

Por sua vez, com duas edições anuais, o *Seminário Cristianismo e Diversidade Sexual*³³ teve como interpretação a visão teológica “inclusiva”, tendo sido elaborado pelas lideranças

²⁸ As inscrições no *Chá das Drags* ocorreram de forma digital através da plataforma *Google Forms*. Na ficha de inscrição, além dos dados pessoais, havia a opção de uma doação financeira ou que as pessoas levassem algum alimento para a mesa no final do evento.

²⁹ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

³⁰ Em relação às posições sexuais.

³¹ Gíria de referência aos homossexuais afeminados.

³² Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Google Meet*, em maio de 2021.

³³ Na ordem de apresentações do seminário observamos que nos anos de 2018 e 2019 a sua formatação teve três mesas temáticas. O evento contou com significativo número de participantes de outras denominações religiosas ou estudantes do ensino superior. A primeira abordou a construção de gênero por meio da história. Na segunda mesa foram expostos textos bíblicos que indicam ou não o “pecado” das práticas homossexuais. Na última mesa foi analisada a forma semântica das palavras utilizadas como “impuras” acerca do gênero feminino para caracterizar a diversidade sexual. No término de cada mesa as perguntas eram elaboradas em até dois blocos.

da ICM-Rio. As exposições dividiam-se em três apresentações que procuram refletir a relação entre diversidade sexual e cristianismo. De acordo com o pastor Luiz Gustavo, esse seminário seria um espaço de diálogo e de “desconstrução” das “sexualidades dissidentes” para que sejam “curadas” de experiências que as colocam como “pecadoras e pervertidas” embasadas em interpretações bíblicas errôneas (informação verbal)³⁴. Com um número expressivo de participantes não vinculados à instituição, o seminário, segundo uma das lideranças religiosas, busca desconstruir os preconceitos criados pelo cristianismo ao longo de sua história e criar uma nova interpretação do cristianismo mais inclusivo. Entre os participantes do seminário havia estudantes universitários, lideranças de outras denominações pentecostais e protestantes e pessoas interessadas na temática abordada.

A modificação no título do seminário, que deixou de ser chamado de *Bíblia e Homossexualidade* para ser intitulado *Cristianismo e Diversidade Sexual*, ao longo dos anos, ocorreu devido ao entendimento das lideranças religiosas de não pensar somente pela chave da homossexualidade e abordar os textos bíblicos que a condenavam, mas agregar outras identidades sexuais além de lésbicas e gays. Na entrevista, o pastor Luiz Gustavo relatou que a instituição mantém uma frente de atuação que designa uma pessoa como porta-voz e faz a comunicação com os movimentos e coletivos LGBTQIA+, mesmo havendo, segundo o mesmo, certo tipo de “preconceito” com a ICM-Rio por parte destes, visto ser uma igreja (informação verbal)³⁵. O diálogo se mostrou a partir da presença da igreja na Parada LGBTQIA+³⁶ e na participação de ativistas LGBTQIA+ no movimento nos eventos da ICM-Rio, como o *Chá das Drags*.

Essas interpretações, desde a recepção e a reflexão da “teologia inclusiva”, foram sendo modificadas a partir dos estudos das lideranças da ICM-Rio e de outras igrejas filiadas à instituição. O contexto político de 2018 foi utilizado pelo dirigente como um dos responsáveis por desconstruir as verdades absolutas em relação a “Bíblia” como “fiel e irrestrita”, passando a ser considerada como um livro poético (informação verbal)³⁷. Segundo o pastor, essa desconstrução de uma visão litúrgica conservadora fez com que as

³⁴ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

³⁵ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

³⁶ Em sua atuação no espaço público, a ICM-Rio esteve na Parada do Orgulho LGBTQIA+ do Rio de Janeiro, no ano de 2019. A edição do evento neste ano teve como tema: *Pela democracia, liberdade e direitos: ontem e sempre*. A igreja participou, como também outras denominações sob a rubrica “inclusiva”, da ala criada pela organização da Parada destinada à liberdade religiosa.

³⁷ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

lideranças passassem a questionar os símbolos do ritual religioso, como as cores, disposição das velas e as roupas utilizadas, por exemplo, de acordo com o calendário litúrgico cristão³⁸. A escolha das cores das paramentos e objetos litúrgicos — vistos sobretudo na cosmologia católica e na de certos protestantes históricos — é pautada nos mistérios de Jesus Cristo e lembra à comunidade de fé as diferentes narrativas bíblicas de sua passagem³⁹. O pastor ressaltou que apesar de seguir a fio a posição dos símbolos religiosos nos cultos de forma tradicional, o posicionamento das lideranças já era "desconstruído" em relação à aceitação da frequência de membros em espaço de sociabilidade LGBT como saunas e boates. No que diz respeito ao termo "homossexualidade", afirmou que tal deslocamento se fez em prol da diversidade sexual em sintonia com o campo científico-acadêmico do movimento e coletivos LGBTQIA+:

A estratégia desse seminário sempre foi desconstruir os textos bíblicos utilizados pelos LGBTfóbicos. Essas passagens [bíblicas] inicialmente atacam os homossexuais. Depois a gente entendeu como pessoas LGBT. Eu acho que a mudança do nome tem a ver com mudança do nome do movimento mesmo. Porque antes a gente falava em movimento homossexual, e depois, com o avanço das questões de gênero e sexualidade, e a gente foi lá para o GLBT, depois para o LGBT, depois LGBTQ e agora LGBTQIA+. [...] E também a gente foi aperfeiçoando a compreensão e os estudos sobre gênero e sexualidade. [...]. Se a gente for ver um seminário que a gente apresentou há dez anos e a gente apresentou agora, vai ser outra coisa, porque tem uma trajetória de estudos e discussões que estão ligados à academia e ao movimento [LGBT]. (informação verbal)⁴⁰.

A modificação na sigla citada pelo pastor acompanha a trajetória histórica do surgimento do "movimento homossexual" a partir do final da década de 1970 (FACCHINI, 2009). Como sinaliza Regina Facchini (2009), em meados da década de 1980 ocorreu a retração desse grupo devido ao avanço da pandemia de HIV-Aids, que desmobilizou propostas de liberdade sexual, articulação das lideranças do movimento na luta contra a

³⁸ Guia as leituras dos textos bíblicos de acordo com os temas e datas festivas.

³⁹ Compreende o período entre o Natal e a Páscoa. O intervalo entre esses dois acontecimentos é designado de Tempo Comum.

⁴⁰ Informação fornecida pelo pastor da ICM-Rio Luiz Gustavo Silva através de entrevista semiestruturada, pela plataforma de reuniões *Meet Google*, em maio de 2021.

doença e o processo de abertura democrática⁴¹. Na década de 1990 o movimento passou a enfocar a multiplicidade de categorias para se referir ao sujeito político. Em 1993 a sigla foi alterada para MGL (Movimento de Gays e Lésbicas). Em 1995, mudou para GLT (Gays, Lésbicas e Travestis). Em 1999 passou pelas variantes GLTB e LGBT “a partir de hierarquização e estratégias de visibilização dos segmentos” (FACCHINI, 2009, p. 140). No ano de 2005, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros “aprova o uso de GLBT, incluindo oficialmente o ‘B’ de bissexuais na sigla utilizada pelo movimento e convencionando que o ‘T’ refere-se a travestis, transexuais e transgêneros” (FACCHINI, 2009, p. 140). Em 2008, a sigla então convencionada sofreu alteração na Conferência Nacional GLBT; mesmo com divergências, adotou-se a forma LGBT para dar visibilidade às mulheres lésbicas (FACCHINI, 2009). Cabe salientar que outras “identidades” foram acrescentadas à sigla, podendo variar em cada região ou de grupo para grupo (FACCHINI, 2009), como visto atualmente na sigla LGBTQIA+. Em relação à ICM-Rio, a linguagem das mensagens religiosas nos cultos e atividades adequou-se às categorias identitárias dos sujeitos políticos do movimento LGBTQIA+ em sua atuação religiosa.

Em relação ao entendimento pastoral, o deslocamento dos termos “homofobia” para “LGBTfobia” demonstra a forma de engajamento através da linguagem do movimento LGBTQIA+. Silvia Aguião (2018), ao analisar as conferências nacionais LGBT de 2008 e 2011, se debruçou sobre a relação entre *atores e objetos multifacetados*, que incluem “organizações não governamentais, movimentos sociais estruturados em diferentes formatos, o campo acadêmico”, frente aos direitos LGBT no Brasil (AGUIÃO, 2018, p. 50). Segundo a autora, as discussões que ocorreram na Conferência Nacional LGBT em 2011 remeteram para a discriminação desagregada por identidade vista nas menções de novas convenções políticas terminológicas como “lesbofobia”, “transfobia” e “bifobia”⁴², além da “expressão de gênero” — em referência à “identidade de gênero e orientação sexual” — e a “identidade de gênero”, em relação ao fato de a “orientação sexual não contemplaria travestis e transexuais”⁴³ (AGUIÃO, 2018, p. 69). Essas terminologias de discriminação são acionadas à desconstrução dos textos bíblicos no seminário da ICM-Rio, evidenciando o alinhamento das lideranças religiosas à política LGBTQIA+ e à percepção multifacetada dos ataques religiosos a esses sujeitos políticos.

⁴¹ Com o final da ditadura o movimento teve maior comunicação com o Estado, sobretudo, quando se compreendeu que a pandemia HIV-Aids como saúde pública e não mais “grupo de risco” (FACCHINI, 2009).

⁴² Em relação à bissexualidade.

⁴³ A autora menciona ainda o “capacitismo” como termo que estigmatiza as pessoas com deficiência.

Outro ponto mobilizado na fala do pastor fez referência aos avanços nas discussões em gênero e sexualidade a partir de sua difusão nos anos 2000⁴⁴, *grossa modo*, em grupos de estudos⁴⁵ sobre gênero e sexualidade em diferentes regiões do país e áreas do conhecimento (FACCHINI, *et al.*, 2013). Essa proliferação dos estudos em gênero e sexualidade pode ser vista na trajetória acadêmica das lideranças religiosas da ICM-Rio que desenvolveram projetos de pesquisas sobre essa temática em áreas como Literatura, Ciências Sociais, Psicologia e História⁴⁶. Pode-se também salientar a formação acadêmica do dirigente religioso, Luiz Gustavo, graduado em História e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que versou sobre as maneiras da inclusão de pessoas LGBT na ICM e a Comunidade Refúgio⁴⁷, ambas na cidade de São Paulo. Nos momentos de confraternização, conversas no final e ou no término dos cultos e atividades, surgiam assuntos voltados aos projetos de pesquisa desenvolvidos pelas lideranças religiosas, membros e inclusive a presente pesquisa e outras que tinham como objeto a ICM-Rio. Essas discussões remetiam às formas de trocas de experiências sobre os trabalhos de campo, as leituras especializadas de cada pesquisador e debates sobre o contexto político.

⁴⁴ Os estudos sobre gênero e sexualidade estão atrelados não somente à emergência da pandemia de HIV-Aids, mas aos estudos feministas direcionados para a temática da violência e família e financiados por instituições internacionais como Fundação Ford e a Fundação MacArthur na década de 1970. Para revisão desse panorama ver Regina Facchini *et al.* (2013).

⁴⁵ Também o surgimento de grupos de trabalho em congressos como no Seminário Internacional Fazendo Gênero, na promoção de evento pela Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) e de periódicos científicos como “a revista Gênero, editada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), desde 2000; a revista Bagoas: estudos gays, gênero e sexualidades, editada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desde 2007; e a revista Sexualidad, salud y sociedad, publicação eletrônica trilingue, editada pelo CLAM/IMS/UERJ, desde 2009” (FACCHINI, *et al.*, 2013, p. 180-181).

⁴⁶ Era comum nas nossas interações, na ICM-Rio e no Retiro Nacional da denominação, ouvir relatos sobre a participação de lideranças religiosas e membros em edições do Encontro Nacional de Diversidade Sexual (ENUDES). Regina Facchini *et al.* (2013, p.166) abordam o surgimento do ENUDES e a sua “intersecção entre movimento estudantil, movimento por direitos sexuais e outros movimentos contra as *opressões*”, sobretudo, na luta contra a homofobia, e na capilarização e “fomento à organização de grupos de diversidade sexual nas universidades” – ao longo de seus encontros entre os anos de 2003 e 2012. Cabe frisar que a relação entre as políticas sexuais e a produção de conhecimento no Brasil, segundo as autoras, está permeada por “porosidade ou mesmo hibridismo e por tensões” que se dão “entre ativismo e pesquisa acadêmica e pela presença de pesquisadores em espaços científicos interdisciplinares ou em fóruns que debatem caminhos para a promoção dos direitos humanos de LGBT” (FACCHINI *et al.*, 2013, p. 185).

⁴⁷ Essa igreja inclusiva foi fundada pela pastora e ex-missionária da Assembleia de Deus Lanna Holder e sua esposa, a cantora Rosania Rocha, no ano 2011. Lanna Holder ficou amplamente conhecida pelo testemunho, prestado no Brasil e em outros países, quando era missionária da Assembleia de Deus, sobre a suposta “cura” da sua lesbianidade (OLIVEIRA, 2017).

Ressaltamos também o seminário *Gênero, Sexualidade e Fé*⁴⁸ como integrante da programação da ICM-Rio e responsável de levar à ICM-Rio um expressivo quantitativo de espectadores, tornando-se um mecanismo de mobilização e engajamento da ICM-Rio para além do diálogo estritamente religioso. Este, por sua vez, conta com a participação de pesquisadores, estudantes e lideranças religiosas na composição das mesas temáticas do evento. Os trabalhos foram apresentados por pesquisadores de instituições de pós-graduação públicas e privadas, além de um clérigo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. O formato de seminário para apresentação de trabalhos acadêmicos era tecido nas conversas dos pesquisadores, que se encaixavam com outros que também elaboravam teses em outras áreas do conhecimento. Essa atuação seria uma forma de a comunidade religiosa conhecer as questões que haviam surgido nas pesquisas e dialogar com seus resultados, mesmo que em alguns pontos prévios, como no caso da presente pesquisa empírica.

Durante o trabalho de campo percebeu-se na fala das lideranças religiosas a repetição da expressão “o amor como valor moral” e seu uso para “inclusão” em oposição à “exclusão” propagada por outras instituições religiosas que negam a orientação sexual e identidade de gênero não heterossexuais ou que carregam outras de preconceito e discriminação (informação verbal)⁴⁹. A igreja parece ter o sentido, para as lideranças religiosas, de um “hospital” que procura amenizar a consequência do preconceito e a falta de “amor próprio” (informação verbal)⁵⁰. Conforme a mensagem religiosa, A LGBTfobia e a autoridade religiosa são dimensões que podem acarretar efeitos espirituais e existenciais que são lidos como experiências que apagam a diversidade sexual e trazem traumas psicológicos e espirituais ao longo da vivência religiosa das pessoas LGBTQIA+.

Nas narrativas dos líderes durante os cultos, a transformação espiritual e existencial operacionaliza-se pela cura e libertação que tomavam posição oposta às interpretações e práticas consideradas comuns aos segmentos pentecostais e neopentecostais. No entendimento das lideranças, a cura encontra-se correlacionada a lidar com as experiências de preconceito e discriminação desfazendo os traumas psicológicos, a negação da própria orientação sexual e expressão de gênero ocorrida durante seus percursos individuais, sobretudo nas instituições religiosas pregressas. Percebemos, portanto, que a ICM-Rio encontra-se na contramão dos processos de conversão religiosa que pretendem a cura *das*

⁴⁸ A primeira edição ocorreu em 2019.

⁴⁹ Informação obtida com as lideranças religiosas ao longo do trabalho de campo nos cultos e eventos da ICM-Rio.

⁵⁰ Informação obtida com as lideranças religiosas ao longo do trabalho de campo nos cultos e eventos da ICM-Rio.

memórias e a libertação das práticas homossexuais e pregam sobre o pecado da carne, colocando essas práticas como *antinaturais* e passíveis de “limpeza ritual e busca de santificação” — processos esses vistos em discursos de diferentes segmentos evangélicos (NATIVIDADE, 2006, p. 127). Por sua vez, a instituição religiosa busca trabalhar a “autoestima positiva”, “ensinando que o homossexual é filho de Deus” e estimulando a convivência em espaços de sociabilidade (NATIVIDADE, 2008, p. 155).

Dessa forma, a transformação alinha-se às práticas de cura e libertação ao envolverem e mobilizarem outros sentidos do “respeito” e da “dignidade” (NATIVIDADE, 2008, p. 185) nas diferentes esferas da vida. Tornava-se comum ouvir das lideranças religiosas a necessidade da aliança divina no sentido de transformação do mundo, no compromisso individual para gerar o ativismo em comunidade que se materializou, sobretudo, no contexto social das eleições federais de 2018.

3 - O CONTEXTO POLÍTICO DE 2018 E O ATIVISMO POLÍTICO RELIGIOSO DA ICM-RIO

No pleito eleitoral de 2018 a disputa esteve permeada, mais uma vez, por um discurso político cristão conservador (MARIANO e GERARDI, 2019). A controvérsia no espaço público apresentou-se nas declarações polêmicas do então deputado federal e candidato Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL)⁵¹. O ataque do candidato às demandas dos movimentos LGBTQIA+, feminista e negro se evidenciou durante aquele período (VEJA RIO, 2018). Em oposição à proposta desse candidato, o tema dos direitos humanos foi sustentado na agenda de campanha de Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT). É importante sinalizar a polarização na arena política que concentrou a maioria dos votos entre esses candidatos, pois havia também uma tensão que dizia respeito à acusação, feita por Bolsonaro, evangélicos e católicos, de que o governo federal estaria promovendo o “kit gay” desde o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff, também do PT, em 2010⁵² (MARIANO e GERARDI, 2019, p. 70).

As disputas moralizantes desses líderes religiosos e políticos e seus reflexos no período eleitoral de 2018 afetaram o interior da comunidade religiosa aqui analisada. O

⁵¹ Nas eleições de 2018, o candidato foi lançado pelo Partido Social Liberal (PSL), partido que posteriormente viria a se fundir com o Democratas para a criação do União Brasil. No final do ano de 2019, desfilou-se do PSL e ficou sem partido até o término de de 2021, ano de sua filiação ao Partido Liberal (PL), no qual se manteve quando disputou a reeleição, em 2022.

⁵² Para uma explanação dos diversos significados atribuídos à expressão “kit gay”, ver Pinho (2022).

posicionamento do candidato Bolsonaro gerou aflições nas lideranças da ICM-Rio quanto à possibilidade de uma agenda política que negasse o ideário dos direitos humanos, presente nas lutas por reconhecimento com relação aos direitos sexuais desde o governo Lula (PT).

Oponente ideológico na arena política, Fernando Haddad propôs, em seu programa de governo, conferir status de ministério à pasta dos Direitos Humanos, assim voltado para os segmentos minoritários (negros, mulheres, LGBTQI+, povos indígenas e quilombolas). No âmbito das políticas sexuais, pautou o combate à violência e criminalização da LGBTQI+fobia (PLANO DE GOVERNO, 2018), propondo programas no âmbito da “saúde integral” (*Idem*, 2018), educação da diversidade sexual nas escolas e a ampliação do “Programa Transcidadania”⁵³ (GONÇALVES, 2018). Na perspectiva do que entendia como direitos humanos, o candidato Jair Bolsonaro, em seu plano de governo, defendeu a flexibilização do “Estatuto do Desarmamento” no sentido de favorecer o uso de armas pela “população civil” em “legítima defesa”⁵⁴ (GONÇALVES, 2018). As diferenças nos programas de governo demonstravam uma agenda com diferentes significados sobre os direitos humanos na linguagem da diversidade sexual (MACHADO, 2018b).

No dia 28 de agosto de 2018, o Jornal Nacional divulgou uma entrevista com Jair Bolsonaro em que exibiu um livro chamado *Aparelho Sexual e Cia*⁵⁵, que apresentou como parte do já referido “kit gay” (COLETTA, 2018). O parlamentar, naquela ocasião, apontou que ele obteve conhecimento acerca do material no ano de 2010 “nos corredores da Câmara de Deputados” (COLETTA, 2018). Nesse ano, de acordo com Marcelo Natividade e Renata Nagamine (2016, p. 264), a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) “baseou sua plataforma política na luta contra medidas constantes no Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH)⁵⁶. O PNDH previa a descriminalização do aborto e a união civil de pessoas do mesmo sexo, o que causou controvérsia no primeiro ano de governo da presidenta Dilma Rousseff, em 2010. Os embates provocados pelos líderes da FPE e o Movimento Pró-Vida (católicos e evangélicos) pressionaram o posicionamento da

⁵³ Visava implementar bolsas de estudo para “travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade para que possam concluir ensino fundamental e médio” (GONÇALVES, 2018).

⁵⁴ Segundo o candidato, países como Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Austrália têm uma menor taxa de homicídios em relação ao Brasil e à Venezuela, que, mesmo restringindo o acesso às armas pela população civil, viu duplicar o número de homicídios (GONÇALVES, 2018).

⁵⁵ Livro de autoria da francesa Hélène Bruller e do suíço Philippe Chappuis (COLETTA, 2018).

⁵⁶ Lançado no final de 2009 pelo governo Lula (NATIVIDADE e NAGAMINE, 2016).

presidenta, que elaborou uma “Carta à Nação” (NERY e FALCÃO, 2010) na qual afirmava que retiraria essa questão do programa de governo⁵⁷.

No ano de 2013, a presidência da Comissão dos Direitos Humanos e Minorias (CDHM) na Câmara Federal foi ocupada pelo deputado e pastor Marco Feliciano (PSC)⁵⁸. Foi uma ocasião permeada por controvérsias sobre o projeto de decreto legislativo nº 234, que ficou conhecido amplamente como “cura gay”⁵⁹ (NATIVIDADE e NAGAMINE, 2016, p. 221). A noção de uma cura da homossexualidade contraria a Resolução 1/1999 do Conselho Federal de Psicologia, que proíbe os psicólogos de exercerem “qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas” e de adotarem “ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999, p. 1). Foi ainda em 2013 que o pastor Silas Malafaia, muito próximo do então deputado Jair Bolsonaro na pauta “antigay”, celebrou o casamento do então deputado. Já em 2016, Jair Bolsonaro se faz batizar no Rio Jordão, em Israel, pelo pastor da Assembleia de Deus Everaldo Pereira, líder do Partido Social Cristão (PSC). Seu batismo ocorreu logo após a votação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT). Esses acontecimentos têm relação com as controvérsias envolvendo as alianças políticas entre os 49 deputados evangélicos sob a liderança do presidente da Câmara dos Deputados da época, Eduardo Cunha (ALMEIDA, 2017). Como lembra Ronaldo Almeida (2018), o discurso do então deputado Jair Bolsonaro na votação do *impeachment* pela Câmara pautou-se por categorias como “ordem nacional anticomunista, autoritária e militar”, sobretudo nos seus elogios explícitos a atos e figuras autoritárias (ALMEIDA, 2018, p. 174).

Almeida cunhou o termo “onda conservadora” para caracterizar a incidência pública desse movimento evangélico, com maior participação dos parlamentares sob rubrica religiosa. A exemplo de figuras políticas como Anthony Garotinho e Eduardo Cunha, o ex-deputado Jair Bolsonaro extrapolou sua base política na esfera evangélica “por meio de atos rituais e narrativas de conversão” (ALMEIDA, 2018, p. 174). O batismo de

⁵⁷ Em maio de 2011, a então presidenta Dilma Rousseff vetou o projeto depois de manifestações da bancada evangélica, alegando que o material versava sobre costumes, e deveria, portanto, ter o aval da coordenação-geral da Presidência e amplo debate com a sociedade civil. (PASSARINHO, 2011).

⁵⁸ A partir de acordos dos partidos políticos a comissão foi direcionada ao Partido Social Cristão (PSC) (TADVALD, 2015).

⁵⁹ Projeto apresentado pelo deputado João Campos, do Partido Social Democrata Cristão (PSDC), que previa perder efeito de dois artigos do Conselho Federal de Psicologia (PSC) (NATIVIDADE e NAGAMINE, 2016).

Jair Bolsonaro, conduzido pelo pastor Everaldo Pereira, simbolizou essa aproximação com o PSC, partido dos pastores Marco Feliciano. As posições agressivas e o processo no Supremo Tribunal Federal (STF) por apologia ao estupro⁶⁰ criaram tensões com a cúpula do PSC (CONGRESSO EM FOCO, 2016). Após esse episódio, o partido rompeu com Jair Bolsonaro, que se filiou em 2018 ao Partido Social Liberal (PSL), pelo qual disputou as eleições para a Presidência no mesmo ano. Jair Bolsonaro foi eleito no segundo turno das eleições.

Nos cultos da ICM-Rio, durante as eleições presidenciais de 2018, o contexto político foi abordado nas falas das lideranças religiosas. De acordo com a liderança pastoral:

Nós não iremos solucionar os nossos problemas políticos e sociais pensados por grandes economistas de grandes universidades, grandes sociólogos, grandes historiadores ou grandes qualquer coisa. Nós não iremos transformar esse mundo, nós iremos arranhar as estruturas. Nós iremos propor uma nova vida para as pessoas, mas os nossos sistemas políticos irão continuar caídos: mundanos, caídos e imperfeitos. (informação verbal)⁶¹.

A proximidade com as eleições presidenciais foi indicada como a possibilidade de consolidação de uma agenda política “fascista”, na figura do candidato Jair Bolsonaro, que não tem “amor à vida” própria e das outras pessoas, tendo a responsabilidade de “lutar por um mundo melhor para todas as pessoas” (informação verbal)⁶². Em paralelo, as ideologias como “direita” e “esquerda”, dada a polarização naquele contexto social, não poderiam ser entendidas como “crença”/“dogmas” para a resolução dos problemas socioeconômicos e políticos (informação verbal)⁶³. Nesse sentido, o apoio não estava circunscrito a um partido político — no caso, ao candidato Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT); tratava-se da oposição ao projeto político contrário aos direitos humanos, em sua linguagem da diversidade sexual, presente na candidatura de Jair Bolsonaro. Também cabe sinalizar que a reverenda Alexya Salvador, da ICM-São Paulo, se candidatou a deputada estadual em 2018 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). No final de um culto em setembro daquele ano, o pastor pediu para quem tivesse interesse em gravar um vídeo em apoio à candidatura da reverenda Alexya Salvador ao cargo de deputada estadual de São Paulo que se

⁶⁰ Processo aberto pelo Ministério Público a partir de uma declaração do então deputado Jair Bolsonaro, dirigido em 2014 à então deputada Maria do Rosário, de que ele não a estupraria porque ela não merecia — por ser muito feia, conforme explicou em seguida ao jornal Zero Hora (RBA, 2019).

⁶¹ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁶² Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁶³ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

manifestasse. Primeira mulher transgênero a ter um cargo eclesiástico da América Latina, o engajamento político da reverenda Alexya Salvador teve significativa importância, segundo entrevista nas mídias eletrônicas, por focar as pessoas travestis, transexuais assassinadas no país e as políticas de adoção de pessoas LGBTQIA+ (BITTENCOURT, 2018)⁶⁴.

Duas semanas antes do segundo turno das eleições federais, a mensagem pastoral teve como reflexão o apoio de igrejas evangélicas à candidatura à presidência de Jair Bolsonaro. Na interpretação do pastor Luiz Gustavo, a agenda política do candidato expressava uma atuação de extrema-direita. Na mensagem do culto daquele dia, em tom de denúncia, questionou o apoio das igrejas evangélicas consideradas “avessas à diversidade, ao pluralismo e aos direitos humanos” (informação verbal)⁶⁵. O pastor explicou que o “medo” havia tomado o sentido de “angústia, de dúvidas, de encruzilhadas”, tornando difícil a visão de um horizonte na atuação das esferas políticas, econômicas, sociais e religiosas (informação verbal)⁶⁶. Dentre elas, a esfera religiosa autodenominada evangélica estaria contrariando a sua lógica de crenças e práticas de acordo com o evangelho de Jesus Cristo, e, portanto, “servindo a Satanás” (informação verbal)⁶⁷:

As igrejas evangélicas do Brasil estão servindo a Satanás, de uma maneira geral. Com raras exceções. Eu falo sem medo nenhum. Observem o antievangelho quando apoiam pessoas que pregam o antievangelho. [...] as igrejas estão fazendo sinal de arma, buscando pelo armamento, buscando para matar o diferente, buscando eliminar quem pensa diferente. As igrejas ditas evangélicas no Brasil estão se vendendo ao diabo. (informação verbal)⁶⁸.

O sinal de arma com as mãos pôde ser observado em amplitude nas redes sociais⁶⁹. As mobilizações e atuações dos candidatos evangélicos no pleito de 2018 tinham como centralidade uma “agenda moral, da segurança pública e o combate à corrupção” nas campanhas do Executivo federal e estadual (VITAL DA CUNHA e EVANGELISTA,

⁶⁴ Nas eleições de 2018 a reverenda Alexya Salvador (PSOL) contabilizou 10.486 votos, assim não conseguindo se eleger à Assembleia Legislativa de São Paulo (BRASIL, 2018). Nas eleições de 2022, concorreu novamente a deputada estadual, só que desta vez pelo PT, com 8.359 votos válidos e não elegendo a cadeira do legislativo estadual de São Paulo (BRASIL, 2022a).

⁶⁵ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁶⁶ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁶⁷ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁶⁸ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁶⁹ Podemos observar esse gesto político da campanha de Jair Bolsonaro em outra manifestação pública, assim expressa nas “imagens do pastor Marcos Feliciano e de jovens de uma igreja pentecostal com dedos em forma de arma” (CAMURÇA, 2020, p. 91).

2019, p. 93). O ativismo conservador empregado articula a incidência da ideologia de gênero e da família nuclear tradicional; o combate à violência e a “manutenção da ordem”; e o “forte cunho moral de limpeza/renovação da política, sem tocar na fundamental presença das empresas de capital nacional e estrangeiro ou o sistema financeiro” (VITAL DA CUNHA e EVANGELISTA, 2019, p. 94). Assim, elas assumem um conjunto de relações com outras esferas sociais que vão para além da religiosa (VITAL DA CUNHA e EVANGELISTA, 2019).

O projeto de poder que o presidente eleito legitimava, nas palavras do pastor, remonta a “um projeto fascista de uma parte da sociedade que se vendeu ao fascismo” (informação verbal)⁷⁰. Em relação às instituições cristãs, sobretudo as igrejas evangélicas que apoiaram a candidatura de Bolsonaro, o pastor apontou para um adesivo da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED)⁷¹, fixado em sua camisa com os dizeres “Ele não”, afirmando em seu discurso que “seguidor de Cristo não apoia a tortura”. O pastor, então, se referiu à tradição bíblica segundo a qual os profetas e as profetisas devem se posicionar sobre as injustiças:

E nós denunciaremos como os profetas do Antigo Testamento denunciavam a prostituição do templo com o poder estatal. Como os profetas do Antigo Testamento apontavam o dedo na cara dos reis e diziam seus pecados. Nós seremos profetas e continuaremos sendo profetas denunciando essas estruturas injustas. Para isso fomos chamados. Contem com a igreja da Comunidade Metropolitana. (informação verbal)⁷².

Em mensagem pastoral gravada em vídeo no *Facebook* da ICM-Rio⁷³, o pastor relatou a participação nas manifestações do “Ele não” e clamou por um país que tenha consciência do evangelho e que deve ser pensado a partir da dimensão de igualdade e respeito nas relações entre as pessoas. A bandeira do templo religioso da ICM-Rio, que tem as cores do arco-íris ao fundo e ao centro os dizeres “Deus ama todas as pessoas”, também foi levada à manifestação. Essa bandeira foi fixada e pendurada em um dos pilares do

⁷⁰ Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁷¹ De forma correlata, a ICM-Rio se identificou com esse setor ao articular uma teologia política que insere a revelação divina e liberdade como nexos de seu engajamento político, tanto o contexto das eleições de 2018 e as ressonâncias de uma agenda política que colocava em xeque os avanços nos direitos sexuais no ano de 2019 com a eleição de Jair Bolsonaro.

⁷² Discurso proferido pelo pastor Luiz Gustavo no culto, em outubro de 2018.

⁷³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/icmrio/videos/2175943315950902>> . Acesso em: 30/10/2018.

Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Houve reprodução e ampla divulgação dessa imagem nas redes sociais e nas publicações pessoais que compartilharam fotos em frente à bandeira no ato.

Essa publicação teve como pano de fundo a mobilização dos membros, corpo eclesial e frequentadores da ICM-Rio para a manifestação, representando as igrejas progressistas, no protesto contra o candidato Bolsonaro. A análise de Gustavo Alencar (2019, p. 173-174) sobre as ações e os discursos de lideranças religiosas da Frente Evangélica pelo Estado de Direito (FEED)⁷⁴ — dentre estas o pastor Henrique Vieira⁷⁵, da Igreja Batista do Caminho⁷⁶ — aponta para o “ativismo político que compõe um *ethos* evangélico voltado para compromissos sociais e valores considerados democráticos”. Compondo a organização dos evangélicos progressistas na cidade do Rio de Janeiro, esse segmento evangélico progressista guia-se por um *ethos* sociorreligioso que visa à transformação social na garantia e manutenção dos princípios democráticos e de justiça social (ALENCAR, 2019, p.176). Por sua vez, o culto realizado no dia 21 de março de 2018 em memória do assassinato da vereadora e ativista dos direitos humanos Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes exemplifica esse posicionamento da instituição religiosa. A aproximação com a figura dos direitos humanos e o assassinato de uma representante política que encarnava essa bandeira foi guiada em outro culto no mesmo ano de 2018. A pregação teve como pano de fundo o encontro de Jesus Cristo com seus discípulos após sua morte e ressurreição. O pastor considerou o clima de “medo e represálias” em que se encontravam os apóstolos no momento desse encontro, visto que a figura de Jesus simboliza, na compreensão do poder estabelecido na época, um agitador religioso e político condenado como bandido e inimigo do Estado. Assim, o pastor aferia que da mesma forma que Jesus encontrou os discípulos estando estes com a porta trancada devido ao medo, as portas do salão daquela igreja da ICM-Rio também se mantinham fechadas naquela ocasião devido ao medo de “ataques de ódio” contra a congregação durante a campanha eleitoral. Os receios frente aos discursos que incitavam violências físicas e

⁷⁴ A FEED surgiu entre os anos de 2015 e 2016 (ALENCAR, 2019).

⁷⁵ A projeção de Henrique Vieira se deu em jornais de grande circulação, mídias alternativas e programas de televisão que se encarregaram de projetar a sua imagem como pastor que representa o setor progressista. Entre os anos de 2012 e 2016 foi eleito vereador de Niterói (RJ) pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). No ano de 2017, tornou-se assessor parlamentar do deputado federal Marcelo Freixo (PSOL/RJ) (ALENCAR, 2019). Nas eleições de 2022 foi eleito deputado federal, também pelo PSOL, obtendo 53.933 votos (BRASIL, 2022b).

⁷⁶ Formada a partir da Primeira Igreja Batista de Niterói.

psicológicas à comunidade LGBTQI+, sentidos nas pesquisas estatísticas dos anos então recentes⁷⁷ e nas narrativas individuais e coletivas, fizeram parte do discurso das lideranças religiosas durante o período eleitoral.

A ICM-Rio articulou a relação entre os nexos da religião cristã e dos direitos humanos ao privilegiar a liberdade religiosa no sentido dos direitos sexuais e reprodutivos. Machado (2018b, p. 179) faz uma importante reflexão: “as religiões podem proteger ou ajudar na construção de uma identidade política de minorias, mas também podem causar opressões e intolerâncias”. As modificações na atuação pública dos grupos religiosos cristãos apontam para as controvérsias em relação à agenda dos militantes seculares em prol dos direitos reprodutivos e sexuais (MACHADO, 2018a; NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013). Essa relação de forças acabou por acirrar as “[...] disputas em torno do significado de direitos humanos entre os vários atores políticos individuais e coletivos — religiosos, LGBT e feministas” (MACHADO, 2018c, p. 116-117, tradução nossa)⁷⁸ —, dentre os quais os grupos religiosos que legitimam as pautas do movimento e coletivos LGBTQIA+, como a ICM-Rio. Observa-se que as igrejas inclusivas, como um exemplo das fissuras do segmento evangélico (MACHADO, 2018b), aproximam-se do ativismo secular, oriundo das minorias sexuais, em seus discursos e mobilizações na ampliação do debate sobre os direitos sexuais na esfera pública (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013; NATIVIDADE, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, buscamos mostrar como a mensagem religiosa da ICM-Rio tem correspondência com os engajamentos em prol da diversidade sexual presente nas ações da denominação, permeados pela retórica da democracia, cidadania e promoção de políticas públicas voltadas à população LGBTQIA+. Os eventos aqui narrados, como o *Chá das Drags* e os seminários teológico e acadêmico, representam uma estratégia religiosa que promove a igualdade e aceitação positiva da diversidade, em suas diferentes concepções, consolidando-se como um *locus* de contestação religiosa e política. Essas diferentes estratégias promovem ações e discursos que privilegiam a diversidade sexual

⁷⁷ Em 2018, os dados do relatório do *Grupo Gay da Bahia* demonstraram 420 vítimas de “translesbofobia”. No relatório do grupo, deste ano, a curva tem se mostrado acumulativa nas últimas duas décadas. Destaco três anos de contrastes significativos no número de vítimas: 2000 (130); 2010 (260); 2017 (420) (MICHELS e MOTT, 2018).

⁷⁸ Tradução livre. No original “[...]disputes around the meaning of humanrights between the various individual and collective political actors – religious, LGBT, and feminist”.

constituída ao longo dos diferentes endereços e nomenclaturas denominacionais da instituição religiosa.

O contexto sociopolítico de 2018 tem impacto direto na continuidade dos direitos sexuais e reprodutivos, sendo a ICM-Rio um local de militância e uma via para sociabilidades rompidas nesse contexto. Os cultos que foram narrados estavam permeados por definições conceituais oriundas das experiências de pesquisas acadêmicas das lideranças religiosas. Essas leituras mantêm diálogo com a “teologia inclusiva” sobrepondo-se à mensagem litúrgica, assumindo uma forma crítica pedagógica de um campo de conhecimento sobre as interpretações individuais. No que tange à “desconstrução” dos textos bíblicos, ela está direcionada a ampliar leis contra discriminação e o preconceito. Esses feixes de relação parecem relevantes para a ICM-Rio expandir sua visibilidade, mesmo que não pareça ser um ponto pacífico entre os diferentes atores sociais, os coletivos e as comunidades religiosas em diálogo. A forma de acolhimento que essas interações assumiram durante o recorte deste trabalho possibilitou compreender os fluxos motivados pelo contexto social e político de uma pauta neoconservadora, como vista em 2018.

O ativismo político-religioso promovido pela ICM-Rio demonstrou a defesa da laicidade, como liberdade de crença das minorias religiosas, na chave dos direitos humanos, ao passo que se aproximou das mobilizações dos movimentos e coletivos sociais através dos direitos individuais como uma via de luta contra as discriminações e preconceitos em suas diferentes interseções. Neste sentido, a ICM-Rio posiciona-se em divergência às percepções dos modelos católico carismático e evangélico pentecostal, que mobilizam a liberdade religiosa para afirmarem a hierarquia de valores da moral sexual cristã e da família heterossexual na esfera pública. As formas de ativismo descritas no culto em homenagem à memória de Marielle Franco e frente às eleições de 2018 teceram críticas a essa participação dos atores religiosos e sua forma de incidência na esfera pública. Desta forma, o engajamento religioso da ICM-Rio denuncia as posturas e discursos morais empunhados por grupos cristãos que procuram minar os direitos sexuais e reprodutivos, almejando sua legitimidade enquanto uma minoria religiosa que procura moldar o seu engajamento político-religioso em resposta ao contexto social e político mais amplo em que está inserida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIÃO, Silvia. (2018). *Fazer-se no "Estado": uma etnografia sobre o processo de constituição dos "LGBT" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

ALENCAR, Gustavo de. (2019). Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER. V. 39, n. 3, p. 173-196.

ALMEIDA, Ronaldo de. (2017). A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, n.50, v. 26, p. 1-26.

ALMEIDA, Ronaldo de. (2018). Deuses no parlamento: o impedimento de Dilma. *In*: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismo: análises de conjuntura*. Campinas: Editora da Unicamp, 163-194.

BITTENCOURT, Julinho. (2018). Entrevista exclusiva com Alexya Salvador: Pastora trans e pré-candidata a deputada estadual pelo PSOL. A sua vida, como ela mesma define, já é em si um ato político. Casada, tem dois filhos adotivos, uma trans como ela e o outro com necessidades especiais, e em sua igreja atende a todos os excluídos, indiscriminadamente. Fórum, p. Online, 18 jul. 2018. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/2018/7/18/entrevista-exclusiva-com-alexya-salvador-pastora-trans-pre-candidata-deputada-estadual-pelo-psol-32675.html>>. Acesso em: 22/08/2018.

BORGES, Rafaela Oliveira. (2020). Fabricando um corpo, brincando com os gêneros, vivendo uma persona: Devires Drag a partir de múltiplas identificações. *In*: 44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. São Paulo: ANPOCS.

BRASIL. (2018). **Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo**. Resultado das eleições de 2018 - 1º Turno. p. 264 Online Disponível em: https://www.tre-sp.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2018/arquivos/tre-sp-resultado-totalizacao-eleicoes2018/@@download/file/Resultado_Totalizacao_090720.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

BRASIL. (2022a). **Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo**. Eleições Gerais Estaduais 2022 -1º Turno. p. 284 Online - Disponível em: https://www.tre-sp.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/arquivos/resultados/tre-sp-resultados-totalizacao-das-eleicoes-estaduais-1o-turno/@@download/file/Relat%C3%B3rio%20Resultado%20da%20Totaliza%C3%A7%C3%A3o%20Estadual%20-%20201%C2%BA%20Turno_14-12.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. (2022b). **Justiça Eleitoral**. Eleição Ordinário 2022 - deputado federal Rio de Janeiro. Online. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao;e=e544;uf=rj;ufbu=rj/resultados/cargo/6>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

- CAMURÇA, Marcelo Ayres. (2020). Um poder evangélico no Estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista Nupem*, v. 12, n. 25, p. 82-104.
- COLETTA, Ricardo Della. (2018). Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'. Candidato do PSL mostra publicação que seria parte do 'kit gay', mas título nunca foi comprado pelo MEC nem foi incluído no projeto Escola sem Homofobia. *Jornal. El País*, São Paulo, p. Online, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html>. Acesso em: 20/10/2018.
- CONGRESSO EM FOCO (2016). Bolsonaro deixará o PSC e negocia candidatura ao Planalto por outro partido. UOL p. Online. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-deixara-o-psc-e-negocia-candidatura-ao-planalto-por-outro-partido/>> . Acesso em: 12/03/2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (1999). Resolução CFP nº 001/1999, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília: CPF. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.
- FACCHINI, Regina. (2009). Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*. Rio Grande do Norte:UFRGN. V. 3, n. 04, p. 132- 158.
- FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana. Cláudia (2013). Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza: UFC. V. 44, n. 1, p. 161-193.
- FRANÇA, Isadora Lins. (2012). *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- GEERTZ, Clifford. (2001). O beliscão do destino: a religião como experiência sentido, poder e identidade. *In: Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, p. 149-165.
- GEERTZ, Clifford. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- GONÇALVES, Carolina. (2018) Bolsonaro e Haddad têm propostas antagônicas para direitos humanos. Candidato do PSL quer liberar armas; petista defende o controle. Agência Brasil, Brasília, p. Online, 19 out. 2018, Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/bolsonaro-e-haddad-tem-propostas-antagonicas-para-direitos-humanos>> Acesso em 22 nov 2018.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. (2008). *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (2018a). O discurso cristão sobre a "ideologia de gênero". *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC. v. 26, p.1-18.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (2017). Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. *Horizontes Antropológicos*, 23, 351-380.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (2018b). Religião, direitos humanos e conservadorismo moral no Brasil Contemporâneo. *In: MAIA, Rosemere e CRUZ, Verônica*.

(Orgs.) Saberes Plurais: produção acadêmica em Sociedade, Cultura e Serviço Social. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 177-202.

MACHADO, Maria das Dores Campos. (2018c). Pentecostals and Human Rights Controversies in Brazil. *Religion and Gender*, n.8 , v.1, n. 1, p.102–119.

MACHADO, Maria das Dores Campos. (2020). O neoconservadorismo cristão no Brasil e na Colômbia. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco (Orgs.). Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg. (2015). “Uma igreja dos direitos humanos” onde “promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso e inveja é pecado”: notas sobre a identidade religiosa da igreja da comunidade metropolitana (ICM). *Mandrágora*, v. 21, nº 2 , 5-37.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu A. (2019). Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*. São Paulo: USP. n. 120, p. 61-76.

MICHELS, Eduardo; MOTT, Luiz. (2018). Mortes violentas de LGBT+ no Brasil. Relatório 2018. Bahia: Relatório Grupo Gay da Bahia GGB. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2008). *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. 342f. Tese de doutorado em Antropologia e Sociologia – UFRJ, Rio de Janeiro.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2010). Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER. V. 30, p. 90-121.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, 115-132.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares.; OLIVEIRA, Leandro de. (2013). *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2016). Entre reconhecimento e demonização: um olhar antropológico para as políticas públicas sexuais e dos direitos LGBT na Baixada Fluminense. In: NATIVIDADE, M. (Org.). *Margens da Política: Estado, direitos sexuais e religiões*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, p. 76-31.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; NAGAMINE, Renata Reverendo Vidal. (2016). Entre hospitalidade: políticas sexuais em perspectiva internacional. In: NATIVIDADE, M. (Org.). *Margens da Política: Estado, direitos sexuais e religiões*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, p. 187-231.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2017) Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. *Religião & Sociedade*, v. 37, p. 15-33.

NERY, Natuza; FALCÃO, Márcio. Líderes evangélicos cobram de Dilma 'carta à nação' sobre temas polêmicos. Folha de São Paulo, São Paulo, p. Online, 13 out. 2010.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/8>

13929-lideres-evangelicos-cobram-de-dilma-carta-a-nacao-sobre-temas-polemicos.shtml. Acesso em: 22 mai 2018.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de. (2017). “O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”: *etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo*. 118f. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais – PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32071/32071.PDF>. Acesso em: 22 set. 2018.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos. (2012). Introdução. In: ORO, A.P; STEIL, C.A; RICKLI, João (Orgs.). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, pp.7-13.

PASSARINHO, Nathalia. (2011). Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro. Segundo Gilberto Carvalho, presidente achou vídeo 'inapropriado'. Bancadas religiosas haviam ameaçado convocar Palocci. Brasília, G1, Educação, p. Online, 25 mai. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html>. Acesso em: 22 mai 2019.

PINHO, Angela. (2022). Material que originou fake news sobre 'kit gay' apareceu em 2010; entenda. Diferentes conteúdos foram atribuídos ao conjunto didático, que nunca chegou às escolas. Folha de São Paulo, 05 set. 2022. São Paulo: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/material-que-originou-fake-news-sobre-kit-gay-apareceu-em-2010-entenda.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PLANO DE GOVERNO. (2018). Coligação “O povo feliz de novo” - PT- PC do B - PROS. Partido dos Trabalhadores (PT), online. Disponível em: https://pt.org.br/wp-content/uploads/2018/08/plano-de-governo_haddad-13-pdf.pdf. Acesso em: 22 set 2018.

RBA. (2019). Fux suspende ação em que Bolsonaro é réu por apologia ao estupro. Ministro do STF também suspendeu o prazo de prescrição do crime, que fica em suspenso até 2023, caso presidente não seja reeleito. São Paulo: Rede Brasil Atual. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/fux-suspende-acao-em-que-bolsonaro-e-reu-por-apologia-ao-estupro/> Acesso em: 22 dez. 2022.

TADVALD, Marcelo. (2015). A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. *Debates do NER*. Porto Alegre:UFRGS. V. 1, n. 27, p. 259-288.

VEJA RIO. (2018). Bolsonaro defende ataques à bala a movimentos sociais em palestra. Pré-candidato à presidência pelo PSL falou para 300 pessoas na Associação Comercial do Rio. Veja Rio, Rio de Janeiro, p. Online, 22 mai. 2018. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/bolsonaro-defende-ataques-a-bala-a-movimentos-sociais-em-palestra/>. Acesso em: 22/07/2018.

VENCATO, Anna Paula. (2002). *Fervendo com as drags: corporalidades e performances drags queers em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. 124 f. Dissertação de mestrado em Antropologia Social – UFSC, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84381/183795.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 mar. 2019.

VITAL DA CUNHA, Christina.; EVANGELISTA, Ana Carolina (2019). Estratégias eleitorais em 2018. *Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos*. V. 16, n. 29, pp. 87-100.

WEISS DE JESUS, Fátima W (2012). *Unindo a cruz e o arco-íris: vivencia religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São*

Paulo. 302f. Tese de doutorado em Antropologia Social – UFSC, Florianópolis. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100558#:~:text=Atrav%C3%A9s%20da%20an%C3%A1lise%20das%20trajet%C3%B3rias,afastadas%20por%20suas%20orienta%C3%A7%C3%B5es%20sexuais> . Acesso em: 22 abr. 2018.

WILCOX, Melisa. (2001) Of Markets and Missions: The Early History of the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches. *Religion and American Culture: a Journal of Interpretation*, v. 11, n. 1, pp. 83-108.

Pedro Costa Azevedo

Doutor em Sociologia Política (Uenf), docente I de Sociologia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc/RJ).